

“Vamos vencer em todos os níveis”

ANA DUBEUX

A quatro meses e meio das eleições de outubro, o governador Joaquim Roriz aposta que seu grupo político vencerá a disputa em todos os níveis: “Ganharemos já no primeiro turno a majoritária e faremos a maioria da bancada nas câmaras Federal e Legislativa”. Apesar de todo otimismo, ele confessa ter enfrentado momentos difíceis e delicados na hora da escolha de um cabeça de chapa de outra legenda. “Abrir mão de um candidato do PP ao GDF foi uma tarefa árdua e até certo modo traumática, mas conseguimos superar bem esta fase das negociações”, garante.

Para fechar completamente os entendimentos entre PP, PTB, PFL, PL, PPR e PV, Roriz precisará passar por uma nova fase de turbulências: terá que optar entre a vice Márcia Kubitschek e o suplente de senador Pedro Teixeira, para a outra vaga ao Senado (a outra já está garantida a José Roberto Arruda). Mas o maior complicador no momento é compor em torno das vagas para os cargos proporcionais. “Vamos acomodar os grupos e escolher os melhores”, esclarece. Nessa entrevista ao *Jornal de Brasília*, Roriz fala ainda sobre o rompimento com o PSDB, o processo de escolha do vice Newton de Castro e garante que seu grupo marchará coeso. O governador também deixa em aberto a perspectiva de abrir espaço para outras legendas na coligação. Um dos motivos, inclusive, para ter adiado a convenção marcada para hoje.

O senhor já conseguiu contornar as divergências internas no PP em razão da escolha de um candidato de outro partido como cabeça de chapa?

— Vou confessar uma coisa: foi muito difícil para mim, a despeito de ser amigo do senador Valmir Campelo e respeitá-lo muito, abrir da cabeça de chapa para o meu partido. O PP é uma legenda em crescimento, com a maioria da bancada na Câmara Legislativa, com representantes na Câmara Federal e no Senado. A situação em dado momento ficou traumática, mas conseguimos vencer essas dificuldades e chegamos a um consenso em torno do nome do Valmir.

— A escolha foi provocada por quais motivos?

— Nós chegamos a conclusão que o nome adequado, o nome mais fácil era o do Valmir Campelo. As razões não preciso enumerar, são óbvias. Com a solidariedade dos companheiros parlamentares conseguimos superar as dificuldades, mas não totalmente. Reconheço que existem algumas outras questões a serem definidas.

— O que tem atrapalhado as negociações?

— São problemas comuns nesse tipo de disputa e vamos resolver rapidamente. Na medida que abrimos mão da candidatura ao GDF para um homem de outro partido claro que surgem algumas dificuldades internas

para serem superadas. Uma delas é a seguinte: como vamos compor os demais cargos da chapa majoritária? Neste instante, é lógico que um partido que tem a maioria, que está organizado na cidade deve ter prioridade. Do contrário estariamos impedindo o crescimento do PP, provocando um estrangulamento.

— A escolha do vice e da outra vaga ao Senado tem lhe tirado o sono?

— Não, mas o entendimento é uma coisa difícil, exige muita habilidade. Nós tínhamos vários bons nomes para ser vice-governador dentro do PP: o ex-presidente da Shis, Tadeu Felippelli, que prestou relevantes serviços ao governo, principalmente na área social. É um homem íntegro e correto. Mas chegamos à conclusão que poderia não ser no momento o candidato adequado.

— O laço familiar com o senhor pesou na hora de afastar o nome de Felippelli da disputa?

— Analisamos que o fato de ele ser casado com a sobrinha da minha esposa. Eu não quis defender a candidatura dele simplesmente por este motivo. Mas também tinha outro candidato, que seria uma surpresa, o ex-governador Wanderley Vallim. É um homem correto, com experiência, e está à altura de ser vice e eventualmente assumir o governo com competência. Só que a escolha do nome dele esbarra em dois problemas: primeiro ele pertence a outro partido;

1 “Achamos por bem indicar um nome com perfil mais técnico para ser vice”

2 “Sempre pensamos em criar um chapão com inúmeros partidos”

3 “Não haverá racha. Vamos marchar unidos para a vitória nas eleições”

do o nome para a outra vaga ao Senado e as vagas para os cargos proporcionais. A razão é para ajustar essas questões em aberto.

— O grande entrave é resolver o número de vagas de cada partido da coligação para os cargos proporcionais. Muita gente já ameaça romper com o grupo se for preterido. O senhor está preparado para as dissidências?

— A questão das vagas para federais e distritais realmente está pegando, mas creio que conseguiremos resolver. Vamos chamar algumas pessoas para conversar e apontar as razões que nos levarão por outras escolhas. O processo é complexo, mas vamos obter êxito.

— Há quem aposte em racha dentro do seu grupo.

— Não haverá racha. O grupo marchará unido para as eleições.

— Poderá surgir alguma surpresa em relação ao candidato ao Senado?

— Não. A escolha sairá dos nomes da vice-governadora Márcia Kubitschek e do suplente de senador Pedro Teixeira. São dois nomes excelentes e a postulação deles é justa. Até porque, eu mesmo o estimulei a concorrer. O problema é que não estava esperando três pré-candidatos para o Senado, porque imaginava o José Roberto Arruda como candidato ao GDF. Mas um amplo entendimento nos fez optar por um consenso em torno de Valmir.

— Outros partidos podem participar da aliança?

— Até o dia da convenção tudo é possível. Sempre pensamos em criar um chapão com inúmeros partidos.

— Qual o verdadeiro motivo do rompimento com o PSDB?

— Não fomos nós quem decidimos. O PSDB foi quem optou por sair da coligação. De nossa parte uma aliança com os tucanos seria muito bem-vinda.

— E se os tucanos partirem para a terceira via?

— É um direito deles. Não vou entrar no mérito.

— O senhor vai realmente se licenciar?

— Pensei nisso, mas em razão de alguns impedimentos provocados pela Lei Orgânica, vamos ver a viabilidade dessa questão futuramente.

— A coligação que o senhor apóia ganhará no primeiro turno?

— Vamos ganhar no primeiro turno, fazer a maior bancada na Câmara Federal e na Legislativa.